

# Atividade científico-cultural-pedagógica II

Alexandre Batalha

Unidade cultural de análise escolhida: **Casa da Dona Yayá** (Rua Major Diogo, 353)

## A Casa da Dona Yayá

Sebastiana de Melo Freire (Yayá) nasceu em Mogi das Cruzes, no ano de 1887. Seu pai, o milionário fazendeiro Manuel de Almeida Melo Freire, foi eleito por três vezes deputado para a Assembléia Provincial de São Paulo e senador da Primeira República.

Yayá perdeu uma irmã com apenas três anos, que morreu asfixiada por uma porca que se soltou do berço. Pouco tempo depois sua outra irmã morre de tétano aos treze anos. Em 1899 ela tem mais duas grandes perdas, morre sua mãe e, apenas dois dias depois, morre seu pai. Aos 13 anos de idade seu único parente vivo era seu irmão. Numa viagem com destino a Buenos Aires, ele se suicida atirando-se ao mar. E com apenas 18 anos, Yayá torna-se a única sobrevivente da família Melo Freire e herda uma grande fortuna.

Durante o pouco tempo em que pode gerenciar seus bens e ser dona de sua vida, Yayá mostrou-se uma mulher à frente do seu tempo. Não quis se casar, pois considerava que todos os pretendentes estavam apenas interessados em seu dinheiro. Além disso, essa foi uma forma que encontrou para afrontar a sociedade, que criava mulheres exclusivamente para o matrimônio. Yayá era uma jovem interessada em artes. Em sua residência, um palacete da Rua Sete de Abril, ela promovia saraus e recebia muitos artistas, mesmo numa época de grande repressão e turbulências políticas.

Após uma tentativa de suicídio em 1918, aos 31 anos, ela doa 200 mil réis às obras da Catedral de São Paulo e começa a distribuir jóias aos seus empregados. Dizia que estava sendo perseguida, que queriam violentá-la e matá-la. Essas ações foram encaradas como seus primeiros sinais de loucura. Após o diagnóstico, seus bens passaram a ser administrados por José de Souza Queiroz, um amigo da família, e ela passou um ano internada no Instituto Paulista.

Seus curadores queriam tirá-la do sanatório e mantê-la em casa, mas sua residência da Rua Sete de Abril foi considerada inadequada. Adquiriram então o casarão do Bixiga.

Diagnosticada com psicose esquizofrênica, em suas crises ela batia-se contra a parede, rasgava suas roupas, machucava seu corpo com qualquer objeto

que encontrava, falava as mais absurdas palavras para uma dama da época e, por muitas vezes, amamentava e embalava um filho que acreditava ter tido um dia.

Ela ficou isolada no casarão do Bixiga por 36 anos, que foi todo adaptado para o seu tratamento. Foi necessário, por exemplo, instalar janelas que só abriam do lado de fora. Também foi construído um solário para que ela pudesse ficar ao ar livre. Muitos boatos, mistérios e até acusações de cárcere privado foram noticiados pela imprensa da época.

Sebastiana de Melo Freire faleceu em 1961 aos 74 anos. Como não tinha herdeiros, sua fortuna foi considerada vacante e seus bens passaram para o Governo. Seu patrimônio era composto pelo Casarão do Bixiga, 41 casas na cidade de São Paulo, um edifício na Rua Mello Alves, outro na Rua Augusta, boa parte do edifício Veneza, uma chácara em Mogi das Cruzes, além de inúmeros outros imóveis, terrenos, dinheiro em contas bancárias e títulos. Seus bens foram definitivamente transferidos para a USP em 1968. A “Casa da Dona Yayá” hoje é patrimônio histórico e funciona como sede do Centro de Preservação Cultural. Aberto à visitação pública, é uma das atrações turísticas do bairro.

A casa se distingue por ser um remanescente das antigas sedes de chácaras paulistanas do período, além de possuir uma construção que reflete, em sua arquitetura e particularmente nos seus ornamentos decorativos, a atuação dos mestres-de-obra italianos na cidade da época.

A edificação é, portanto, uma valiosa porta de entrada para a compreensão de todo um padrão arquitetônico, vigente entre os membros de uma burguesia paulistana em ascensão entre fins do XIX e o início do XX, em um bairro que, então recém aberto (1879) – tornado, pois, mais visível socialmente –, presta-se a tornar (quase) invisível uma senhora que, por sua condição social, estava fadada a uma visibilidade pouco comum para uma mulher. Além disso, é uma cidade que, submetida a um intensíssimo processo de urbanização inventa um manicômio bem peculiar a apenas poucos quilômetros da área central. E isso para que seja encarcerada, na própria casa, a descendente de um político paulista abastado e detentora de bens imóveis situados nas mais nobres áreas paulistanas.

“E eis que a história de Yayá deixa de ser única para incentivar a pesquisa de outros casos, a compreensão de outras lógicas. O tema não mais se restringe às paredes e aos tijolos de uma antiga casa de chácara do Bixiga. Aproximamo-nos de questões com as quais a Antropologia lida desde que Durkheim demonstrou que o espaço não pode ser desvinculado do mundo social que o produz e é por ele produzido (Durkheim, 1994: esp. 12-28). Entender o espaço é entender os homens que nele viveram, que nele encontraram sentido. E isso mesmo que tenham transformado esse espaço em lugar de um aparente sem-sentido. Mesmo que nele tenham confinando uma mulher como Yayá.” Fraya Frehse (REVISTA DE ANTROPOLOGIA, SÃO PAULO, USP, 2000, V. 43 nº 2).

## Objetivos da atividade

Recentemente fui à Casa da Dona Yayá para conhecer sua história e importância e pensei em fazer a atividade interdisciplinar proposta nesta unidade cultural com os seguintes objetivos:

- Conhecer a história da casa e da Dona Yayá através da visita monitorada.
- Ampliar o sentido das noções de patrimônio através da problematização de formas de viver e de pensar, de valores desejáveis e ultrajados.
- Perceber que a sociedade da época permitiu construir histórias como a de Yayá.
- Reconhecer que a memória está relacionada à seleção e construção de nexos capazes de nos fazer avançar, neste caso, contra o preconceito e as marcas datadas de valores de época.
- Compreender a estrutura das casas antigas
- Reconhecer as limitações da sociedade e da tecnologia da época
- Estudar um fenômeno físico

## Atividade e visita à casa

Ao chegar na casa os alunos farão uma visita guiada de mais ou menos duas horas, em que eles visitarão toda a casa e receberão informações sobre sua história, construção e sobre a vida da Dona Yayá.

Após a visita monitorada os alunos, já divididos em grupos de 2 ou 3 pessoas, escolherão um fenômeno físico para ser aprofundado e estudado ou uma questão que remete à casa para ser respondida. Alguns exemplos são:

- Reverberação - fenômeno acústico causado pela reflexão das ondas sonoras no ambiente. Qual ambiente da casa possui a maior reverberação? Por que? E a menor? Por que? Quais fatores afetam este fenômeno?
- Reflexão da luz nos vidros - O que faz o vidro às vezes ser um espelho e às vezes não? Por que em alguns cômodos da casa é possível observar o reflexo nos vidros e em outros não?
- Por que as casas antigas tinham porões? Quais são suas funções?
- Por que alguns cômodos possuem diferentes tipos de paredes?
- Por que alguns cômodos possuem diferentes tipos de piso?
- Identificar os diferentes tipos de construção ao longo das reformas que a casa sofreu.